Vacina e negacionismo

Por **SEAN PURDY***

Comparar o passaporte de vacinação com os nazistas é uma forma de negacionismo do Holocausto

> "Explorar a tragédia de todas as pessoas que sofreram entre 1933-1945, que foram humilhados, torturados e assassinados pelo regime totalitário da Alemanha Nazista para argumentar contra vacinação que salva vidas humanas é um sintoma triste de decadência moral e intelectual". (Auschwitz Memorial, Twitter, 3 de dezembro de 2021).

Entre os mais absurdos argumentos da turma anti-vacina e bolsonarista é que o passaporte de vacinação é igual às políticas nazistas na Alemanha contra judeus e outras pessoas durante os anos 1930 e 1940. Não é simplesmente historicamente errado e ignorante das reais práticas nazistas, mas constitui uma forma de negacionismo do Holocausto pois faz uma tremenda equivalência falsa, minimizando e banalizando a escala da tragédia da Shoah, a matança de 6 milhões de judeus pelos nazistas, sem falar da longa história de antissemitismo.

No Brasil, os bolsonaristas têm propagado essa absurda mentira desde o início da introdução das vacinas em 2021. A maioria nem consegue identificar a Alemanha num mapa, mas levanta símbolos como a Estrela de Davi, imagens de judeus perseguidos pelos nazistas e o código Nuremberg, os comparando com as intervenções de saúde pública baseadas em evidências cientificas para combater a pandemia de Covid-19. Comprovadamente, vacinas salvaram milhões de vidas no último ano e *lockdowns*, isolamento social, o uso de máscara e a exigência de comprovação de vacinação em lugares públicos são medidas sanitárias baseadas em evidências cientificas que funcionam.

O exemplo mais recente é um artigo publicado no bizarro site negacionista francês, *France Soir*, pelo brasileiro, Filipe Rafaeli. Sem nenhuma fonte de historiador, ele compara a ascensão dos nazistas na Alemanha com a exigência de comprovação de vacinação, argumentando que a aceitação dos nazistas pela população alemã é igual à aceitação da vacina e outras medidas sanitárias pela vasta maioria da população não só no Brasil, mas no mundo inteiro.

Um aviador, cineasta e publicitário, Filipe Rafaeli ganhou notoriedade entre bolsonaristas durante a pandemia com sua fanática promoção de tratamento precoce com hidroxicloroquina e ivermectina, duas drogas cuja ineficácia contra o Covid-19 já foi cientificamente comprovada. Erradamente se identificando como esquerdista, ele promove nas suas redes sociais e publicações todo tipo de pseudociência, promovendo falaciosos estudos publicados em revistas cientificas marginalizadas por uma minoria de médicos e cientistas negacionistas. Também apoiou a farsa do "comboio de liberdade" no Canadá e regularmente divulga a pseudociência de pessoas criminosas como a médica norte-americana, Simone Gold, que foi envolvido na invasão do Capitólio em Washington no 6 de janeiro de 2021 e Didier Raoult, o médico e cientista francês que já foi pego por fraude científica várias vezes.

Rafaeli presume falsamente que os nazistas simplesmente enganaram a população com mentiras, sem levar em conta que toda a resistência ampla no país contra os nazistas – sindicatos, partidos e organizações da esquerda – foi esmagada nos primeiros meses após a tomada de poder pelo Hitler. Aliás, foi uma política tolerada se não apoiada pelos poderes capitalistas no Ocidente. Ignora também que o regime foi sustentado por repressão brutal contra qualquer tipo de resistência até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Os mais conceituados historiadores de nazismo (para mencionar só alguns) – Claudia Koontz, Detlev Peukert, Donny Gluckstein, Timothy Snyder, Martin Gilbert e Tim Mason – rejeitariam qualquer comparação do passaporte de vacinação

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

atual com nazismo, principalmente porque os nazistas relaxaram a exigência de vacinação para varíola e outras doenças, por exemplo, – uma política no país por décadas – com o objetivo de deixar morrer a população não desejada, isto é, judeus, eslavos, pessoas com deficiências, etc. As políticas da vacinação dos nazis na Alemanha eram abertamente eugênicas, racistas e antissemitas. De fato, o regime nazista estava contra o passaporte de vacinação.

O próprio Hitler, segundo seu tenente, Martin Boorman, disse em 1942: "No campo de saúde pública não há necessidade alguma para estender às raças submetidas os benefícios do nosso próprio conhecimento. Isto só resultaria num aumento enorme nas populações locais, e eu absolutamente proíbo a organização de qualquer tipo de campanhas de higiene ou limpeza nesses territórios. Vacinação compulsória será confinado aos alemães só, e os médicos nas colônias alemãs estarão lá somente para o proposito de cuidar de colonistas alemães. É estupidez impulsar felicidade em pessoas contra seus desejos. Odontologia, também, deve permanecer um livro fechado para elas".

Como Edna Bonhomme escreveu na revista *The Atlantic* em maio de 2021, as políticas de saúde pública na Alemanha têm uma longa história de antissemitismo desde a peste bubônica no século XIV. A culpa por epidemias foi atribuída aos judeus na Europa toda por 600 anos. As políticas nazistas de vacinação seguiam essa longa história de racismo. E como o cirurgião e especialista no movimento anti-vacina nos Estados Unidos, David Gorski, escreveu recentemente, a comparação de vacinação com os nazistas já apareceu no movimento anti-vacina nos anos 1980 nos Estados Unidos e foi ressuscitada durante a pandemia de Covid.

Comparar a exigência de vacinação – que salva vidas – com o assassinato em massa da população judia na Europa pode aparecer tão absurdo que ninguém acreditaria, mas tem sido cada vez mais comum entre a pequena, mas barulhenta, minoria anti-vacina no mundo.

Ao se compararem às vítimas do Holocausto, os militantes anti-vacina e anti-máscara como Filipe Rafaeli querem que acreditarmos que o encorajamento ou exigência de se vacinar no meio de uma pandemia que matou 640.000 mil pessoas no Brasil e mais que 5 milhões no mundo inteiro é igual ao genocídio nazista de perseguir e exterminar judeus, eslavos, o povo Roma, a comunidade LGBT, etc. Como Gorski enfatiza, comparando um bem objetivo (vacinação) a um dos atos mais horrorosos perpetrados na história é tão ridícula que acaba promovendo a ideia dos negacionistas que o Holocausto não foi tão ruim. As inconveniências da exigência de vacinação não são na mesma liga da perseguição horrorosa que judeus e outras vítimas de nazismo sofriam durante o Holocausto.

Na Washington Post de 1 de junho de 2021, a historiadora, Sarah Bond, da Universidade de Iowa, argumenta: "Ao apropriar símbolos profundos de dor judaica, esses péssimos atores minam não só a gravidade, nuance e sofrimento do Holocausto, mas também séculos de antissemitismo histórico… [esses ativistas anti-vacinas] se juntam a uma longa história de emprestar a dor de outras para apoiar" seus falsos argumentos. A dúbia comparação do passaporte de vacinação com nazismo, Bond continua, "fez você pensar que o Holocausto tem peso igual a uma vacina opcional ou a exigência de usar máscaras. A função mais insidiosa dessa equivalência falsa é como ela pode corroer a gravidade do mal original. Quando não judeus apropriam a Estrela de Davi amarela para seus próprios objetivos, elas contribuem ao apagamento do sofrimento histórico dos judeus – da época medieval até os tempos modernos. O problema aqui não é só o grosso uso indevido de um símbolo histórico, é o impacto no sofrimento explicito judaico associado com aquele símbolo."

Tais como a farsa de tratamento precoce, a política anti-vacina do governo Bolsonaro e seu programa de minar o combate ao vírus, temos que colocar essa forma de negacionismo do Holocausto na lixeira de história onde pertence.

***Sean Purdy** *é professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP). Autor, entre outros livros, de História dos Estados Unidos – das origens ao século XXI (Contexto).*

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.